

## GRAFFITI E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE: CARTOGRAFANDO DIÁLOGOS SENSÍVEIS ATRAVÉS DAS OBRAS DE GORDO MUSWIECK

GABRIELE VARGAS<sup>1</sup>; EDUARDO ROCHA<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas – gabivargas.arquitetura@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas – amigodudu@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

Em vista da crescente urbanização advinda dos meios capitalistas e da especulação imobiliária, algumas cidades tornam-se cada vez mais áridas. A expressão da sensibilidade através do *graffiti*, com seu viés criativo e comunicativo, traz um novo panorama para este contexto. Muros, tapumes, edificações e equipamentos urbanos viram pano de fundo para variadas manifestações. Comunicando e transmitindo mensagens por meio e para a sociedade, esta arte de rua – considerada livre, mas ainda subjulgada – vem sendo reconhecida e valorizada através de suas temáticas, que vão desde problemas sociais, política e religião até simples mensagens positivas. Por meio do *graffiti*, são expressas diferentes realidades, assim como pictogramas e inscrições encontradas em edificações na antiguidade, manifestam hábitos e pensamentos de diferentes épocas. O *graffiti* é um dos modos mais genuínos de expressão urbana, por meio do qual a cidade descreve e escreve, coletivamente, sua própria história (SILVA, 2014).

Na contemporaneidade, o *graffiti* vem se expandindo mundo afora como arte urbana, modificando a estética e interagindo com a memória coletiva. Ao transitar pelo imaginário dos cidadãos que habitam as cidades e vivem seu cotidiano, é possível vislumbrar a subjetividade social e a repercussão do ambiente urbano na experiência individual como forma de reconhecer a cidade (RINK, 2013). A complexidade dos processos de criação e as abstrações na compreensão particular, carregada de significados próprios relacionados às bagagens pessoais, geram a possibilidade de se olhar para os fenômenos de uma perspectiva dinâmica, através da qual as narrativas, no contexto urbano, comunicam-se de modo comunitário e corporificam-se referencialmente para as sociedades (SALLES, 2008).

Nas dinâmicas urbanas e sociais em que se desenvolve a arte de rua e o *graffiti*, estão os caminhos rizomáticos e subjetivos das relações entre os sujeitos, as narrativas, as *afecções* – caminhos sem um fim determinado ou passíveis de uma única compreensão; um percurso enigmático sempre aberto às possibilidades para sociedades em busca de referências e alguma produção de sentido.

Neste cenário, a pesquisa a ser desenvolvida se propõe a estudar o processo de criação do *graffiti*, na arte de rua, através das obras do artista Gordo Muswieck, buscando entender as interações desta arte com as dinâmicas urbanas contemporâneas, assim como a possibilidade produzir subjetividade e mobilizar *afectos*<sup>1</sup> nas pessoas - em suas errâncias pela cidade.

---

<sup>1</sup> Os perceptos não mais são percepções, são independentes do estado daqueles que os experimentam; os afectos não são mais sentimentos ou afecções, transbordam a força daqueles que são atravessados por eles. As sensações, perceptos e afectos, são seres que valem por si mesmos e excedem qualquer vivido (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 213).

## 2. METODOLOGIA

A cartografia proposta vai em busca do sensível e das forças latentes que movem as experiências no âmbito urbano. Pensar a cartografia como caminho para uma pesquisa nas diversas áreas humanas, implica buscar novas formas de compreensão do próprio sentido do pensamento como instância que não permite delimitações definitivas. Proposições como pistas, não limitantes, sem regras pré-determinadas - mas como dinâmica que converte estas pistas em pontos ou vetores, criadores de percursos abertos a quem busque mergulhar nestas vivências como atos criadores.

Partimos, então, do conceito de Rizoma<sup>2</sup> de Gilles Deleuze e Felix Guattari, um mapa aberto, conectável e desmontável. Dentre outros movimentos de entradas e saídas, os diálogos com Suely Rolnik (2016) sobre a Cartografia sentimental e os *peceptos* e *afectos* de Spinoza, fundamentam o entendimento acerca do ato de criar arte urbana e sua potência na cidade - como uma construção de redes e conexões, de referências em fluxo e não lineares. Para isso, fomos recolhendo conceitos e teorias, deslocando-os e adaptando-os, e assim articulando a investigação aos encontros que foram pedindo passagem.

A cartografia sensível nos permite pensar no cartógrafo como um investigador, um pesquisador capaz de compreender a diversidade dos fenômenos a partir da sensibilidade do seu olhar, trabalha com o objetivo de captar as forças que operam para além do visível.

Cartografar, portanto, não é criar mapas ou desenhar o visível, mas acompanhar a latitude e a longitude das intensidades desses afetos – marcar e remarcar a multiplicidade rizomática dos movimentos. Corroborado com Kastrup (2016), ao afirmar que o experienciar e o pensar não são simples complementaridades, mas partes de um mesmo sistema que converte dados, o mergulho, na dinâmica real – assumindo pensar e agir como atos impregnados de vestígios das vivências e afetos, também afetados quando acontecem.

Os procedimentos metodológicos escolhidos inicialmente para a pesquisa proposta são: revisão de referências, caminhografia urbana, caderno de campo, entrevistas de manejo cartográfico, observação participativa ao processo de *graffiti* do artista, pesquisa no acervo do artista, análise cartográfica e agenciamento das referências e experiências (grande mapa).

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Num “domingo de *graffiti*”, nada é previamente planejado, ou determinado, tudo flui livremente. Desde a escolha das cores, traços, conexões, ao resultado final. Essa foi a primeira observação participativa realizada.

Segundo Muswieck, é um momento de lazer – de preferência, um encontro entre amigos – sem o cunho profissional. Esse desprendimento de um projeto, de algo pensado antecipadamente, traz a liberdade do lúdico de Huizinga e remete ao ócio criativo de De Masi – que, em sua afirmativa da unidade entre trabalho e

---

<sup>2</sup> O termo rizoma aparece pela primeira vez no texto “Rhizome”, sendo posteriormente publicado como capítulo inicial de Mil Platôs (1980), a partir do qual se tornou mais conhecido. Refere-se a uma forma de compreensão da vida – no sentido mais amplo – como um sistema de conexões, sem início e nem fim, permeado por linhas, estratos, intensidades e segmentaridades. A ideia imagem de rizoma é oriunda da botânica e consiste em uma haste subterrânea com ramificações em todos os sentidos, como os bulbos e os tubérculos. De forma antitética tem-se a árvore, com o caule e ramificações que se desdobram desse eixo central (DELEUZE e GUATTARI, 1995).

lazer, levando-nos a pensar na possibilidade de uma época na história da atividade humana em que não será mais tão nítida esta separação, assim como, produção e consumo ou emprego e tempo livre. “O que está em jogo é uma batalha entre a inovação e a conservação, não sendo o caminho impedir o progresso, mas sim geri-lo de modo que favoreça a difusão das condições da felicidade” (DE MASI, 2000, p. 185).

Deste modo, podemos perceber nesta interação - onde se exerce o ofício com o prazer, geralmente, dedicado ao lazer - um intenso ato de ócio criativo. Os domingos de *graffiti* são, acima de tudo, a demonstração da possibilidade de não sucumbir à sociedade capitalista do trabalho mecanicista e exaustivo.

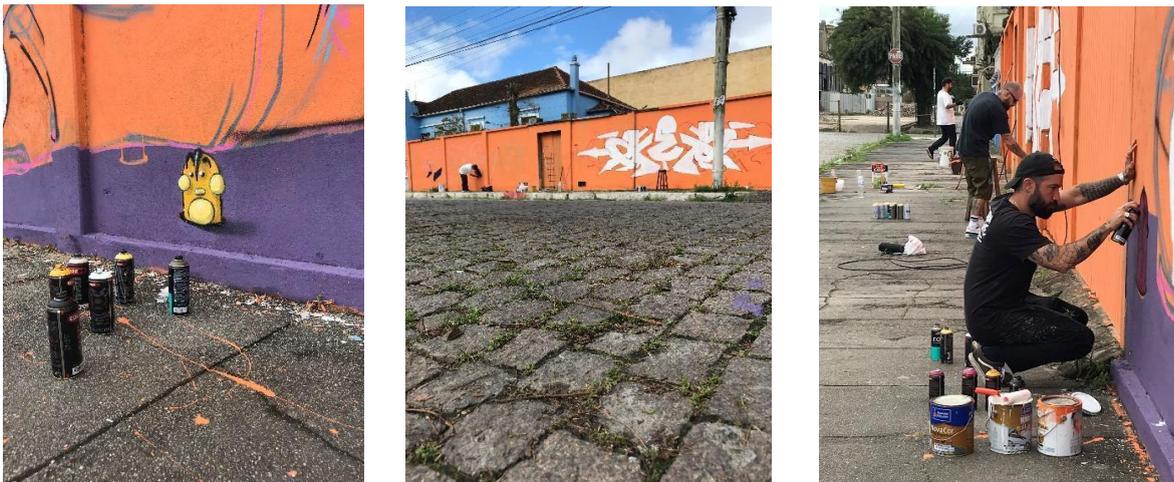


Figura 1 – Fotos da observação participativa ao *domingo de graffiti*. Fonte: Acervo da autora.

No mesmo dia, tive a oportunidade de realizar uma entrevista com o Gordo Muswieck – artista, grafiteiro, amigo e sujeito desta pesquisa – numa pausa, entre tintas, música e à beira da calçada. Foi uma conversa descontraída mas potente. As frases estão presentes na maior parte dos grafites do Gordo. São, segundo ele, uma forma de mobilizar aqueles que não serão atraídos pelas imagens. Suas frases buscam valorizar a arte, motivar as pessoas, transmitir mensagens positivas

Esta primeira entrevista foi extremamente importante aos passos dados até aqui, sendo previstas outras, que ocorrerão juntamente à caminhografia – com o artista e com os alunos da Faurb.

A efemeridade da arte urbana traz consigo o apelo por “guardar”, de alguma forma, este acervo. Tais registros acabam por ser feitos através de material fotográfico, fílmico, desenhos ou até mesmo a cartografia pode ser um registro das obras.

No trabalho desenvolvido até o momento, pude ter acesso ao acervo do artista. Neste obtive, além de muito material fotográfico, do que vem desenvolvendo ao longo de vários anos, também vídeos de suas produções – em Pelotas e outras cidades. Um vasto material, onde percebe-se a evolução da arte desenvolvida por ele, as modificações no decorrer do percurso, assim como seus traços, os personagens criados, temáticas predominantes. Um apanhado de suma importância ao seguimento da minha pesquisa.

#### 4. CONCLUSÕES

O *graffiti* modifica a paisagem urbana, suas narrativas são dispositivos à produção de subjetividade e sentido, em um espaço temporal de efemeridades, esta arte busca atravessamentos capazes de mobilizar as pessoas.

A cartografia em sua forma mais sensível de vislumbrar as ruas e seus devires, torna-se o caminho por onde andamos livremente, sem a determinação de um começo ou um fim, mas experienciando o percurso. Por ser o trabalho de campo desenvolvido nesta pesquisa uma caminhografia urbana: caminhar e cartografar, simultaneamente, como uma ação-intervenção na cidade - permite-nos olhos mais atentos ao contorno, aos gestos, às emoções implicadas nos percursos. Assim, pude perceber mais, sentir mais, estar mais. Apreender as nuances, as fendas por onde arte, expressão e cidade tornam-se visíveis.

Continuo neste processo, não sei se por respostas ou por mais perguntas, tenho a certeza dos profundos atravessamentos, capazes de produzir potentes agenciamentos com o material decorrente desta experiência.

Para Nietzsche, “os grandes pensamentos resultam da caminhada”, sendo ela uma grande aventura, onde a mente só trabalha junto com as pernas. Creio que para nós, caminhógrafos, entrar em contato direto com a cidade, amplia a consciência do que entendemos como tal. Jamais voltamos os mesmos após a imersão neste novo universo.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DE MASI, D. (2000). **O ócio criativo**. Sextante: Rio de Janeiro.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia** - vol. 1 - Rio de Janeiro: Editora 34, 2011a.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia** – vol. 4 - Rio de Janeiro: Editora 34, 2011b.
- DELEUZE, Gilles. **Espinosa: filosofia prática**. Trad. Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002.
- PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Líliliana da. **Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Sílvia. **Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade** - vol. 2 - Porto Alegre: Sulina, 2016.
- RINK, Anita. **Graffiti: Intervenção e Arte Urbana**. Curitiba: Appris, 2013.
- ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. 2ª edição. Porto Alegre: Sulina; Editora UFRGS, 2016.
- SALLES, Cecília A. **Redes da Criação: Construção da obra de arte**. São Paulo: Horizonte, 2008.
- SILVA, Armando. **Atmosferas Urbanas: grafite, arte pública, nichos estéticos**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2014.
- REZENDE, Lorena M.; ROCHA, Eduardo. **Cartografia urbana sensível: Uma experiência na fronteira Brasil-Uruguay**. Disponível em: <<https://editoracaseira.com/photographeinnafronteirabr-uy/publicacao/lorenaeduardo/#:~:text=A%20cartografia%20urbana%20sens%C3%ADvel%2C%20cunho,que%20acontecem%20durante%20a%20err%C3%A2ncia>> acesso em : 06/05/2022 às 21:10.